

PESTADO DE SAO LUIS *Possível razão de um certo vandalismo*

Um dado estatístico, técnico, sobre a Educação paulista é assaz preocupante: praticamente a metade dos prédios escolares sofreu algum tipo de depredação nos últimos anos. Por quê? Argumentar com a justificação simplificadora de que a miséria cerca as escolas da periferia explica muito pouco do problema. A miséria é fator gerador de muita coisa, mas não há uma obrigatória relação de causa/efeito entre carência e depredação de prédio público. Especialmente uma escola. Outros dados devem compor essa equação perversa, que faz uma comunidade que tem quase nenhuma atenção do chamado Poder Público investir contra a pouca presença do Estado, sintetizada às vezes pela existência de uma modesta unidade escolar. A melhor prova de que diferenças existem na relação entre a comunidade

e a escola é que o estudo do Sindicato de Especialistas em Educação do Magistério Público, a tradicional Udemo, mostra que há "pontos agudos", locais determinados onde a depredação é recorrente, repetitiva, quase rotina.

O tipo mais comum de ataque é o roubo de bens móveis. Como ele quase sempre ocorre com depredação paralela, essa última ganha uma incidência estatística muito forte. O impulso é o roubo, a depredação é consequência. Para esses casos, obviamente, a solução passa pela vigilância. Ora, com o afastamento dos agentes de segurança escolar contratados pelo extinto Banaser, esse tipo de ocorrência simplesmente cresceu. Não se culpe apenas a ausência da vigilância escolar; a sempre tão mencionada "ronda escolar", incumbência da Polícia Militar, também não funciona, nem mesmo o míni-

mo necessário. De natureza muito diferente do roubo porque ninguém vigia é a porcentagem de quase 10% das escolas incendiadas e quase a mesma porcentagem para as "apedrejadas".

Há dois anos, um rumoroso caso marcado pelo incêndio de uma sala de Educação Física de escola pública resultou em investigação policial, na qual garotos de 13 anos acabaram "confessando" ao delegado de polícia que o incêndio provocado tinha por objetivo "vingar-se" dos maus-tratos recebidos de alguns professores e de parte da direção da escola.

O que será que significa uma escola apedrejada? Vale sempre lem-

brar que, em 1992, a Comissão de Segurança escolar desistiu de atender ao pedido dos diretores que queriam mais "grades e muros cada vez mais altos" e iniciou, exatamente nas escolas mais visadas, trabalho aproximando os profes-

sores da comunidade. Esse trabalho começava por abrir a escola nos fins de semana... Aos poucos as escolas "campeãs de violência e depredação", cujos diretores desistiram de erguer mais e mais o muro e preferiram

aproximar-se dos seus alunos, começaram a ser preservadas. Será que não estaria na hora de a Udemo, além de listar as depredações, informar seus diretores associados de que essa opção de administração escolar também existe?

**A falta de contato
mais íntimo entre
escola e
comunidade pode
explicar muitas
ações anti-sociais**